

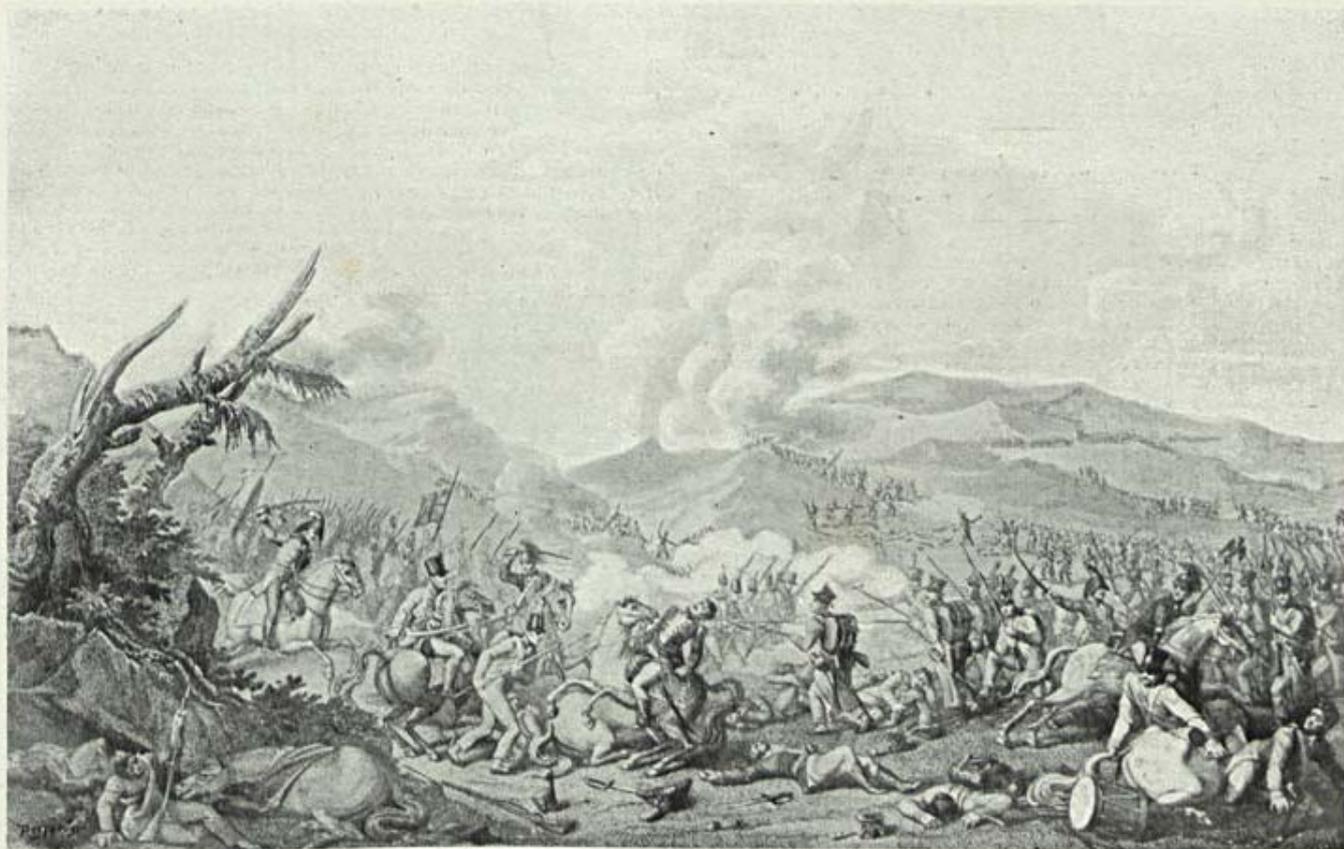
BRASIL—PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE OUTUBRO DE 1910

N.º 281

Centenario da Guerra Peninsular



A batalha do Bussaco

(Reprodução d'uma antiga gravura)

Uma festa hippica no campo dos Seteaes, em Cintra



UM ASPECTO DA ASSISTENCIA — A rainha Senhora D. Maria Pia, El-Rei, o Príncipe Real

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Em férias. Praias, thermas, campos, montanhas e lagos. O que por lá se faz. Como se descança. Civilisação, a quanto obrigas! Os sports, o caminho de ferro, o automovel. As terríveis fadigas do descanço. Golpe de vista retrospectivo. A leitura. — A comemoração da batalha do Bussaco. — O concurso hippico em Cintra. — As côrtes. Abriram e fecharam. Uma missa funebre. Com trez mezes de avanço...

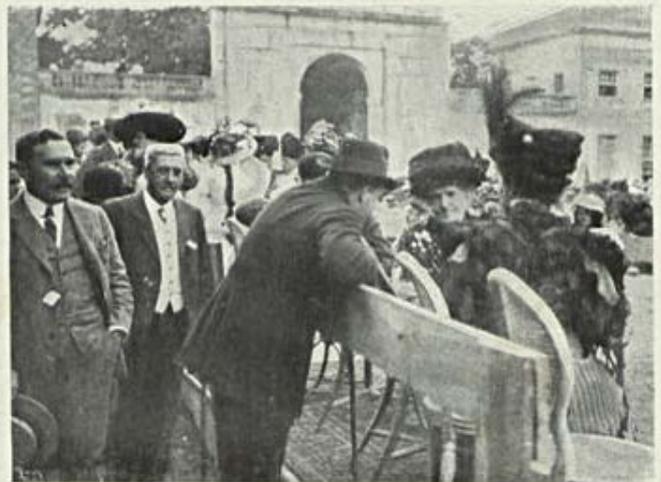
Toda a gente está agora em férias. E nada mais curioso, n'esta época, do que observar a quantidade de occupações dos que gosam essas férias.

Se Horacio resuscitasse pasmaria da nossa maneira de descançar. Precisamente, nos mezes consagrados ao repouso, é que a vida é mais canceliosa. Por pouco que se cuide da saude com methodos scientificos, é actualmente impossivel escapar a um tratamento de aguas em algumas thermas celebres. Depois o mar, a montanha, os lagos, os bosques, reclamam successivamente, cada um em seu praso proprio, aquelles que não teem para permanecer em um unico sitio a desculpa de não serem bastante ricos. E como as thermas ficam distantes da praia, a praia da montanha, a montanha dos lagos e os lagos dos bosques, e a época de férias é curta, succede que a maior parte d'esta quadra consagrada ao descanço é passada a despejar e a encher malas, a correr para estações de caminho de ferro e a perder noites e dias em comboios.

Cada uma d'essas curtas estações, nas thermas, nas praias, nos campos, são agitadas. Em toda a parte ha excursões a fazer, monumentos historicos a visitar. Um homem moderno deve vêr tudo: o que lhe interessa e o que não lhe interessa. Antes, a difficuldade de communicações podia servir de desculpa a quem quizesse poupar-se a esta roda-viva. Mas hoje, quem tem dinheiro está condemnado irremediavelmente ao movimento perpetuo pelo automovel. E os que pela modestia da sua fortuna estão livres do tyranno machimbombo de gasolina, não escapam ás companhias de caminhos de ferro que

lhes organisam comboios de recreio, os atraem com reduções de preços, os seduzem com um reclamo obstinado e habil.

As férias, por outro lado, são a parte do anno em que toda a gente que se presa deve sacrificar ao deus da época: o sport. Actualmente, qual é o homem ou a senhora que não se apaixona por um genero de sport e não lhe dedica uma parte consideravel dos seus ocios? Depois, o numero de sports augmenta de anno para anno. O verão, por exemplo, é a estação propria para os homens-passaros executarem no espaço as suas maravilhosas façanhas, e muito brevemente toda a gente se julgará obrigado a ir, de dois em dois ou de trez em trez annos, ao estrangeiro, verificar com os proprios olhos os surprehendentes progressos da aviação.



Uma festa hippica no campo dos Seteaes, em Cintra

El-Rei D. Manuel conversanço com sua augusta avó

(Clichs de J. Benoliel).



Uma festa hippica no campo dos Seteais, em Cintra
A Rainha Senhora D. Maria Pia, El-Rei, o Principe Real
(Cliché de J. Benoliel).

Para as pessoas cultas as férias são, também, a época destinada à leitura. Durante o anno amontoam-se a um canto livros e revistas e vae-se dizendo á abotoadura: «isto é para lér em julho ou em agosto ou em setembro, com o preciso socego». Porque não se perde a esperança de encontrar a tranquillidade necessaria a uma leitura attenta, n'um hotel de thermas ou n'uma casinhola da praia. Infelizmente, em toda a parte, e cada vez mais, ha que disputar o tempo ás distrações da cidade, que perseguem o desgraçado que foge para longe no intuito de repousar das fadigas e das dissipações cidadãs.

Assim se passa uma grande parte das férias, n'uma agitação continua. Até que chega o momento de regressar á cidade, ao trabalho methodico, á nossa casinha, á vida normal, enfim ao gozo

cionado á actividade que prefira sempre este esforço ao repouso e á abstinencia. Não sem profundas razões psicologicas, todas as religiões, todas as litteraturas, idealisaram a simplicidade de costumes, a vida tranquilla, a prudencia, que com pouco se contenta.

E' necessario, pois, obrigar o homem a consumir o mais que possa, multiplicando e sobreexcitando os appetites... Em nenhuma época, como na nossa, foi obrigatorio, em todas as classes, o desbarato de uma quantidade enorme de riqueza. Um historiador, sentir-se-ia talvez tentado a reconhecer, em tão curioso phenomeno, uma differença essencial, a mais importante, porventura, entre a civilisação actual e as civilisações muito mais pobres que a precederam. Então, apenas uma pequena elite era obrigada a viver com relativo luxo, que era inherente aos privilegios de que gosava, e chegava, por vezes, a ser um encargo pesado.

Em Athenas, como em Roma, como nas republicas italianas da Edade Media e nos grandes e pequenos estados europeus, antes da revolução, o mesmo phenomeno repete-se: multidões de grandes familias arruinam-se por não renunciarem ao luxo, que só aproveita e dá prazer aos outros. A nossa época de democracia, comquanto tenha diminuido a influencia social d'essas elites, deu-lhes um pouco mais de liberdade no que diz respeito ao emprego da fortuna; mas obrigou, em compensação, a viverem com certo fausto, mais ou menos dispendioso, as classes medias e ainda algumas classes populares, que antes viviam como queriam.

As diversões tendem cada vez mais a integrar-se n'esse luxo que a sociedade moderna impõe a todas as classes.

O otium, tão amado dos latinos, já não existe; quando não trabalhamos, divertimo-nos; quero dizer, andamos n'uma dobaçoira, gastando, gastando, gastando... A época dos caminhos de ferro, da navegação a vapor e do automovel não quadram nem os prazeres sedentarios nem os baratos. E talvez por esta razão que a leitura, distracção favorita de outros tempos, em certos meios, está hoje em decadencia. E' verdade que n'este regimen de mobilidade perpetua, as férias não representam para muitas pessoas, ao cabo de uma semana ou de uma quinzena, mais do que um cansaço diferente d'aquelle de que se é victima nas cidades durante o resto do anno — para peor. Mas a maioria sente-se feliz seguindo a tendencia do seu tempo, acompanhando os progressos da civilisação tanto em janeiro como em agosto. E lá diz o outro que quem corre por gosto não cança...

... Enfim, cada época tem a sua maneira de agir pela felicidade do homem; e em boa verdade é inutil discutil-a. Mas além d'isso, a da época que atravessamos é tão original e tão curiosa, e o nosso irmão em Jesus Christo parece estar tão satisfeito com ella, que de-sisto de algumas considerações que as suas contradicções e excessos naturalmente suggerem. Mas ao lembrar-me da febre de prazeres complicados, estranhos e excitantes que atormenta os nossos dias, não posso deixar de pensar no deleite que proporciona a leitura de um bom livro, sob a copa d'uma arvore amiga, n'um remançoço parque. Este velho prazer tão esquecido tem todas as vantagens que deixam de concorrer nos prazeres modernos e não enferma de nenhum dos seus muitos inconvenientes. Talvez por esta razão é um prazer verdadeiro; e talvez por isso mesmo ninguem use nem abuse d'elle...

Ora pois, como hoje é dia feriado, vou até ao Jardim Botânico com o meu Virgilio debaixo do braço. *Habent sua fata libelli*, como

Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Pedro IV



No atrio da Sé — Os srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas aguardando a chegada do Senhor D. Manuel

de uma tranquillidade absolutamente indispensavel a quem soffren todas as fadigas... do descanso.

Ha uns dois mezes, Abel Bonnard publicou no *Figaro* um delicioso artigo sobre as férias. N'esse periodo, dizia o espirital poeta, deveriamos «viver apenas para nós mesmos». Mas quantos comprehendem e executam o programma resumido n'essas poucas palavras? Se a nossa civilisação concedeu aos homens muitas liberdades, tende, em compensação, e cada vez mais, a restringir-nos a liberdade de escolha dos nossos prazeres e das nossas distrações, de limitar as nossas necessidades e o luxo que cada um de nós tenha de gosar. Tal é a lei fatal e a grande fraqueza de uma civilisação que obriga o homem a augmentar sem treguas, rapidamente, a riqueza.

Evidentemente, é inutil produzir se não se consome. Mas também é necessario um esforço do espirito, mesmo para consumir a riqueza, comquanto este esforço seja diferente do necessario para produzi-la, e o homem não é, naturalmente, tão impul-



Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Pedro IV
Depois das exequias — Saindo da Sé — El-Rei e o Senhor D. Affonso, seguindo-se-lhes os srs. conselheiros Teixeira de Sousa, Pimentel Pinto e Azevedo Castello Branco
(Cliché de A. C. Lima).

Os acontecimentos do Sabugal



Fachada do Collegio de Aldeia da Ponte no concelho do Sabugal

sentenciosamente dizia o poeta grammatico Terenciano Mauro, que a sabia toda...

Não foram muito brilhantes as festas commemorativas do primeiro centenario da batalha do Bussaco, mas na sua relativa simplicidade revestiram certa imponencia. Em tres partes se dividiram: religiosa, militar e popular, e em todas ellas se evidenciou o patriótico esforço da commissão executiva do centenario da guerra peninsular, á frente da qual se acha o illustre general João Carlos Rodrigues da Costa.

Os leitores conhecem, pela leitura das folhas diarias, nos seus detalhes, a commemoração, a que se associaram Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel e Sua Alteza Real o Principe D. Alfonso, que partiram para o Bussaco em 26, encontrando-se com lord Wellington, neto do glorioso vencedor da batalha que marcou o inicio dos desastres napoleonicos, que veio a Portugal expressamente para assistir á commemoração.

Pela reportagem artistica do *Brasil-Portugal* farão os leitores ideia precisa dos festejos que, repetimos, não foram de um excepcional brilhantismo, mas nem por isso deixaram de corresponder ao brioso e patriótico esforço da commissão executiva do centenario da guerra peninsular.

No terreiro de Seteas, em Cintra, realisou-se no dia 12 um — mais um! — concurso hippico em que tomaram parte vinte e dois cavalleiros. A famosa estancia, de brilhantes tradições, pois alli se realisaram desde largos annos, sumptuosos torneios e outras festas, foi armada para o effeito: n'ella se levantaram obstaculos e muros, plantaram sebes e cavaram rias para os saltos da aguerrida cavallaria.

Em redor uma multidão enorme, muito interessada no resultado do torneio, avultando as familias de distincção que costumam veranejar na lindissima villa.

El-Rei e o Principe D. Alfonso assistiram ao concurso, acompanhando Sua Augusta Avó e Mãe, Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, que pela primeira vez, depois da tragica morte de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Philippe, assistiu a uma diversão publica.

Foram disputados tres premios, um dos quaes a Taça Cintra offerecida pelo Chefe do Estado, que foi ganha pelo tenente sr. Passos Callado, o primeiro concorrente classificado pelo jury.

Com o cerimonial do estylo abriram as Côrtes no dia 23, lendo Sua Magestade El-Rei o discurso inaugural apenas aos dignos pares e senhores deputados affectos ao governo porque os pares e deputados da opposição não compareceram á sessão real para darem um cheque... em si proprios.

Dois dias depois e em virtude do numero insufficiente de deputados com eleição validada pelo respectivo tribunal, foram as Côrtes addiadas para 12 de dezembro.

Uma nota curiosa: á missa do Espirito Santo que se realisa na Patriarchal ás dez horas da manhã do dia em que as Côrtes

abrem, assistiu d'esta vez apenas um deputado que ao entrar no Templo foi surpreendido pelo aspecto funebre da grande nave, forrada de alto a baixo de preto, com um grande catafalco ladeado de tocheiros. Eram os preparativos para as exequias de D. Pedro IV que se realisavam no dia immediato.

Foi no meio d'esta pompa funebre que o pobre deputado implorou a graça do Espirito Santo para si e para os seus collegas da camara... com uma antecipaçao de tres mezes!

CAMARA LIMA.

Os acontecimentos do Sabugal e a Associação do Collegio de Aldeia da Ponte

Em nenhuma outra região do paiz se deram, por occasião do recente acto eleitoral, acontecimentos tão sensacionaes como no concelho do Sabugal, na provincia da Beira Baixa, fornecendo-nos o facto ensejo para a publicação d'uma

serie de gravuras representando aspectos d'aquella pittoresca villa, onde esteve concentrada numerosa força armada, tanto de infantaria como de cavallaria, afim de evitar maior perturbação da ordem publica, dando-se ainda assim casos de gravidade, principalmente na povoação de Santo Estevão.

Como culpados de taes acontecimentos foram apontados os frades hespanhoes ha muitos annos estabeccidos em Aldeia da Ponte, importante freguezia que dista 30 kilometros da sede do concelho e fica quasi situada na raia hespanhola. Claro está que, assim como houve quem os accusasse de serem os incitadores dos tumultos, por terem apoiado o chamado bloco eleitoral, não faltou tambem quem sustentasse que elles foram em absoluto extranhos á questão politica que no concelho se debateu, pois que, alem de residirem a cerca de 40 kilometros de Santo Estevão, nunca se haviam mettido em assumptos de tal ordem, occupando-se apenas dos seus misteres religiosos.

Reservando-se sempre a mais completa imparcialidade, o *Brasil-Portugal* limita-se simplesmente a registrar os principaes factos que agitam a vida portugueza, colligindo, como no caso presente, alguns apontamentos para acompanhar as gravuras que illustram as suas paginas.

E' innegavel que os frades mariannos tinham grande influencia em todo o concelho do Sabugal, designadamente nas freguezias de Nave, Alfaiates e Villa de Touro, em algumas do concelho de Almeida e até no da Guarda, havendo um logarejo d'este ultimo, Valle Mourisco, entre a Guarda e o Sabugal, que, segundo consta, deu nos ultimos annos uma dezena de noviços para as missões do Espirito Santo.

Os frades mariannos estavam ha muitos annos estabeccidos em Aldeia da Ponte, em casa propria por elles construida.

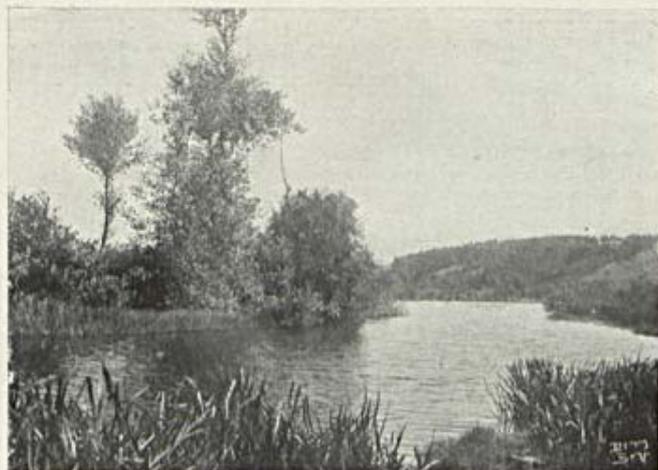
A residencia conventual, ensombrada de copado arvoredado, é bastante ampla, embora, como se vê pela gravura que publicamos, não passe d'um edificio de linhas banaes, sem elegancia e sem caracter.

Os padres hespanhoes formavam uma associação denominada Associação do Collegio d'Aldeia da Ponte, a qual tinha os estatutos approvados por portaria de 18 de outubro de 1901, publicados no *Diario do Governo* de 21 do mesmo mez.

Segundo esses estatutos a associação tinha por fins principaes



Vista geral do Sabugal



Sabugal — Um trecho pittoresco do rio Côa

exercer a caridade, ministrar gratuitamente o ensino primário e montar escolas de artes e ofícios, quando para isso tivesse recursos suficientes, ficando o estabelecimento de ensino sujeito à tutela e inspecção das autoridades administrativas, nos termos que regulam a legislação commum e as leis de instrução primária.

Depois de alguns annos de existencia começou a espalhar-se que a Associação era um centro de missionarios jesuítas hespanhoes, que alli se recolhiam ás temporadas, para depois irradiarem para diferentes pontos do paiz e de Hespanha, prestando-se a isso a situação especial de Aldeia da Ponte. Ao mesmo tempo dizia-se que os frades hespanhoes não exerciam a caridade, pois não davam a mais insignificante esmola, que o estabelecimento de ensino poucos mezes estivera aberto e que além d'estas muitas outras irregularidades commettiam com manifesto desprezo pela letra dos seus estatutos, entre as quaes se nolava a de no seu livro das actas não figurar o registo da eleição periodica do presidente, como a lei determina.

Em consequencia d'isto o administrador do concelho do Sabugal, sr. Luiz Telles de Vasconcellos, procedeu, em 1908, a um inquerito, provando-se que as accusações acima eram verdadeiras, pois que os frades apenas se entregavam á vida contemplativa, deixando assim de cumprir os estatutos que lhes garantiam existencia legal, não se habilitavam com o orçamento no praso estipulado, não prestavam contas da sua gerencia nem escripturavam devidamente os seus livros, alguns dos quaes nem mesmo existiam. O resultado d'este inquerito foi remettido ao dr. João Abel da Fonseca, então governador civil da Guarda, que em 8 de dezembro de 1908 apresentou ao governo o seu relatório acompanhando diversas propostas.

Ultimamente, em virtude dos acontecimentos politicos que se deram no concelho do Sabugal por causa das eleições, o capitão França, da policia de Lisboa, foi encarregado de proceder a uma syndicancia relativa a esses acontecimentos, recebendo pouco depois ordem para seguir para Aldeia da Ponte, alim de esperar pelos delegados do governo, para com elles proceder a um novo inquerito aos frades d'esta povoação. O resto é sabido e consta dos jornaes diarios, sendo em vista dos factos apurados que o governo mandou publicar a portaria de 12 do mez findo pela qual é dissolvida a Associação do Collegio de Aldeia da Ponte, considerando-se os seus associados em flagrante delicto de desobediencia se voltarem a reunir-se n'aquella localidade ou em outro lugar do reino, seja qual fór o fim que digam ter em vista.

A difficuldade não é desenhar um olho, é pintar o olhar.

§§

A arte assassinada pela geometria, eis a architectura moderna.

§§

Em amor, vale mais enganar, que ser enganado.

Dr. Pedro de Castro

É um magistrado de valor e um homem de bem. Mais de uma vez tem sido reconhecidos e galardoados os seus serviços. Sendo ministro da justiça o sr. Campos Henriques, firmou uma portaria, honrosa para ambos, louvando o actual juiz ajudante de instrução criminal, que ao tempo era delegado do procurador regio em Trancoso, por ser dos primeiros magistrados que na sua comarca installou os serviços anthropometricos. Presidiu á camara municipal de Figueira de Castello Rodrigo, terra em que nasceu, foi administrador d'esse concelho, em Torres Vedras exerceu tambem as funções de delegado, onde conquistou como n'outras localidades, a estima e o respeito, em 1908 foi promovido a juiz de direito, e ao juizo de instrução, onde ha seis mezes exerce as funções de juiz ajudante, foi buscado o actual governo para lhe confiar a delicada missão de proceder a um inquerito sobre o modo como tem sido cumpridos os regulamentos das associações de caracter religioso.



Dr. Pedro de Castro

Juiz auxiliar de instrução criminal

Folgamos em prestar justiça ás qualidades que caracterizam este recto magistrado.

Incendio na igreja do Loreto

No dia 29 de março de 1651, pelas 8 horas da manhã, Lisboa foi sobresaltada pelo pavoroso incendio que se manifestou n'esta igreja, propriedade da colonia italiana, que era então uma das mais ricas que existia na capital.

O fogo tomou tal incremento, que em um instante reduziu a cinzas todo o templo; altares, imagens, retabulos, sacristia, ornamentos riquissimos, nada escapou á ferocidade das chammas.

Com muito custo se salvou o vaso das particulas sagradas.

A perda foi avaliada em mais de seiscentos mil cruzados. Annos depois, os italianos reedificaram a sua igreja, com a sumptuosidade com que ainda hoje se vê.



No Sabugal — Sob um colossal castanheiro

Centenario da Guerra Peninsular

COMMEMORANDO

O exercito portuguez tomando a parte mais activa na saudosa consagração prestada aos heroes guerreiros de ha cem annos satisfaz um desejo de legitimo orgulho e realisa um dos seus mais sympathicos deveres.

Porque um exercito não é só um aggregado de certas unidades

no tinir das armas, como um echo retumbante que annuncia ao estrangeiro uma garantia segura de integridade patria; é tambem uma sociedade docil, uma familia amoravel, que no tempo da paz impuliona o progredimento moral, pela manutenção da ordem, e edifica os seus irmãos, por exemplos de civismo.

O exercito, como familia que é, tem os seus ascendentes, os seus braços, as suas tradições, as suas glorias, e, como os heroes medievos, sabe escolher, nas panoplias dos seus maiores, uma espada que lhe dê fogo ás mãos, uma farda que lhe aqueça o peito, e, nos escudos, decifra, com alegria, as legendas de um triumpho que lhe inflamma a alma nos enthusiasmos de um brio marcial.



Lord Wellington

General em chefe do exercito luso-britannico



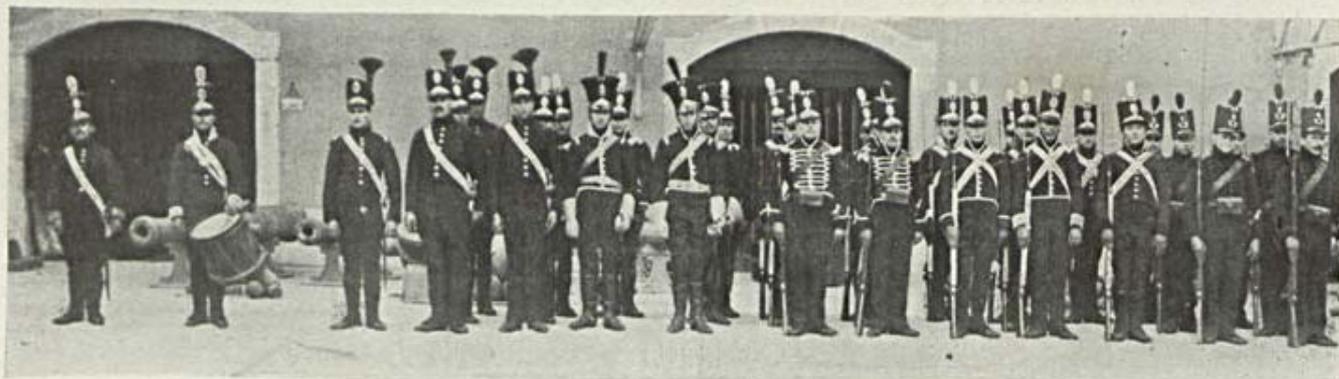
O imperador Napoleão I

Mas não é só nos membros do exercito que a commemoração da guerra peninsular enche de brio ardoroso, porque o brio militar não é, nos portuguezes, uma força, um sentimento profissional, nascido no momento de envergar uma farda; é, porventura, uma força atavica, vinda dos tempos heroicos, é uma energia que o sangue dos batalhadores deixa nas veias dos seus descendentes, é uma chama ardente que a nevrose do heroismo derrama no ambiente da patria.

O brio do cidadão portuguez não é o brio do cidadão britannico que batalha e vence systematicamente, contando os cartuchos, espe-

sociaes em cujo ambiente a austeridade disciplinar e os principios da sciencia bellica preparam legiões de valentes que se comprazem

Centenario da Guerra Peninsular



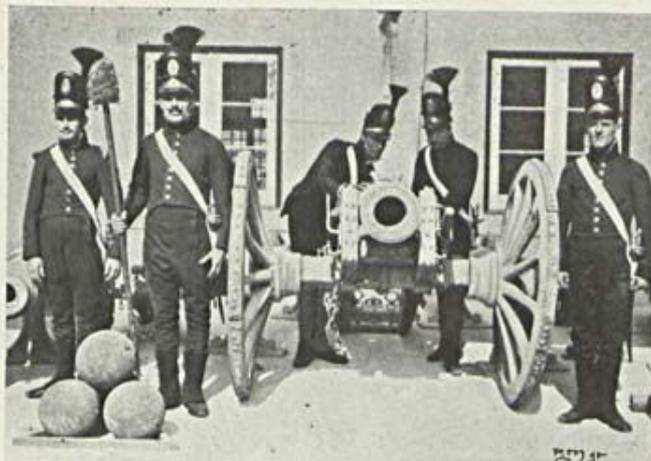
O pelotão que figurou na commemoração da batalha do Bussaco vestindo uniformes segundo o modelo dos usados pelas tropas portuguezas em 1810
(Cliché de J. B. Waller).

rando a hora da paz para usufruir as riquezas do povo submetido ou do aliado victorioso.

Não é o brio do cidadão da Russia que abandona o lar, queimando-o na retirada. Não é o brio do prussiano que se alia para a glorificação de um cezarismo esmagador.

O brio portuguez é o clarão que allumia e crystallisa as ondas espessas dos mares tenebrosos, é a sombra que amedronta o Adamastor, é o raio que desce em Aljubarrota a illuminar dois exercitos; os portuguezes ajoelhados á voz do Condestavel em posição de resistencia militar; os castelhanos prosternados de pavor, rogando a S. Thiago que viesse combater os homens do Mestre d'Aviz.

Foi contra a muralha d'este brio que Napoleão atirou, de



Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de artilharia

mentos, o brio nacional. Mas, Napoleão illudia-se. Elle que, no dizer d'alguem, jogava as corôas dos reis, fazendo do mappa europeu um taboleiro de xadrez, podia jogar a corôa de D. João VI, o que não podia ganhar era a corôa de Portugal — a soberania do povo.

Não tardou que o imperador francez visse a esmaecer no Occidente, quasi a afogar-se no Atlantico, a estrella das suas innumeras victorias. Parecia que a aguia gauleza perdera a acuidade de visão, ao ver os reflexos das montanhas de Veriato.

Em 1810, ainda Massena, o filho dilecto da victoria, quiz reaccender essa estrella com os fulgores da sua espada, mas a derrota do Bussaco e as linhas de Torres Vedras, não o deixaram approximar-se do mar, e a estrella afogou-se no mar dos portuguezes.



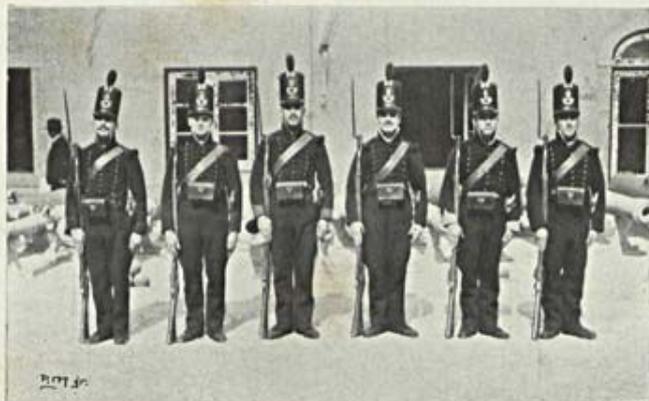
Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de infantaria



Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de cavallaria

Berlim o bloqueio continental. O povo, então em doce paz, tendo o aspecto cançado e indolente de um heroe reformado, não sabia ler este decreto, e os dirigentes, pusilanimes, executaram-n'o vergonhosamente.

De quando em quando, os ventos dos Peryneus traziam a Portugal o canhoneio da artilharia de Bonaparte, e o povo estremeia, de ancia nervosa, pela aproximação do gigante. O povo acordou uma



Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de caçadores

madrugada com o porto de Lisboa fechado pelo obstaculo de um navio real que se revolvia, febril e medroso, esperando, com ancia, a entrada no mar largo, a caminho do Brasil. Este navio deu o signal da partida quando o ex-sargento de Toulon, o sabreur Andoche Junot chegava a Lisboa, seguido de 27:000 homens esfarapados.

O ruido barbaro d'este exercito desmoralizado estonteou, por mo-

Portugal tornou-se, então, a selva tenebrosa d'onde Massena apenas desejava fugir, na frente dos exercitos colligados, que o perseguiram através dos fumos de Fuentes de Oñoro, Vittoria, Peryneus, Nivelles, Nive e Tolosa.

N'esta derrota que fazia lembrar a marcha impetuosa do general de Carthago, a aguia napoleonica não voava, rastejava, deixando uma estrada de sangue que o fulgor das armas aliadas esmaltava de luz.

E depois de quinze batalhas, de tresentos combates, cercos, assaltos, bloqueios e escaramuças, os filhos de Portugal voltaram a abraçar as familias, mal refeitas das selvaticas proezas de Kellerman e Loison.

Aos homens rudes da Beira, por muitos annos lhes ficou nos ouvidos o galopar do estado maior de Massena, seguindo o caminho de Mortagua. Pela esquerda do Bussaco, sentiam o estrepito dos batalhões de Ney, o heroe de Austerlitz e Wagram; pela direita, Reynier, um dos valentes das Pyramides, e, ao longe, como sussurrar vago de uma tempestade longinqua, o corpo de reserva de Andoche Junot.

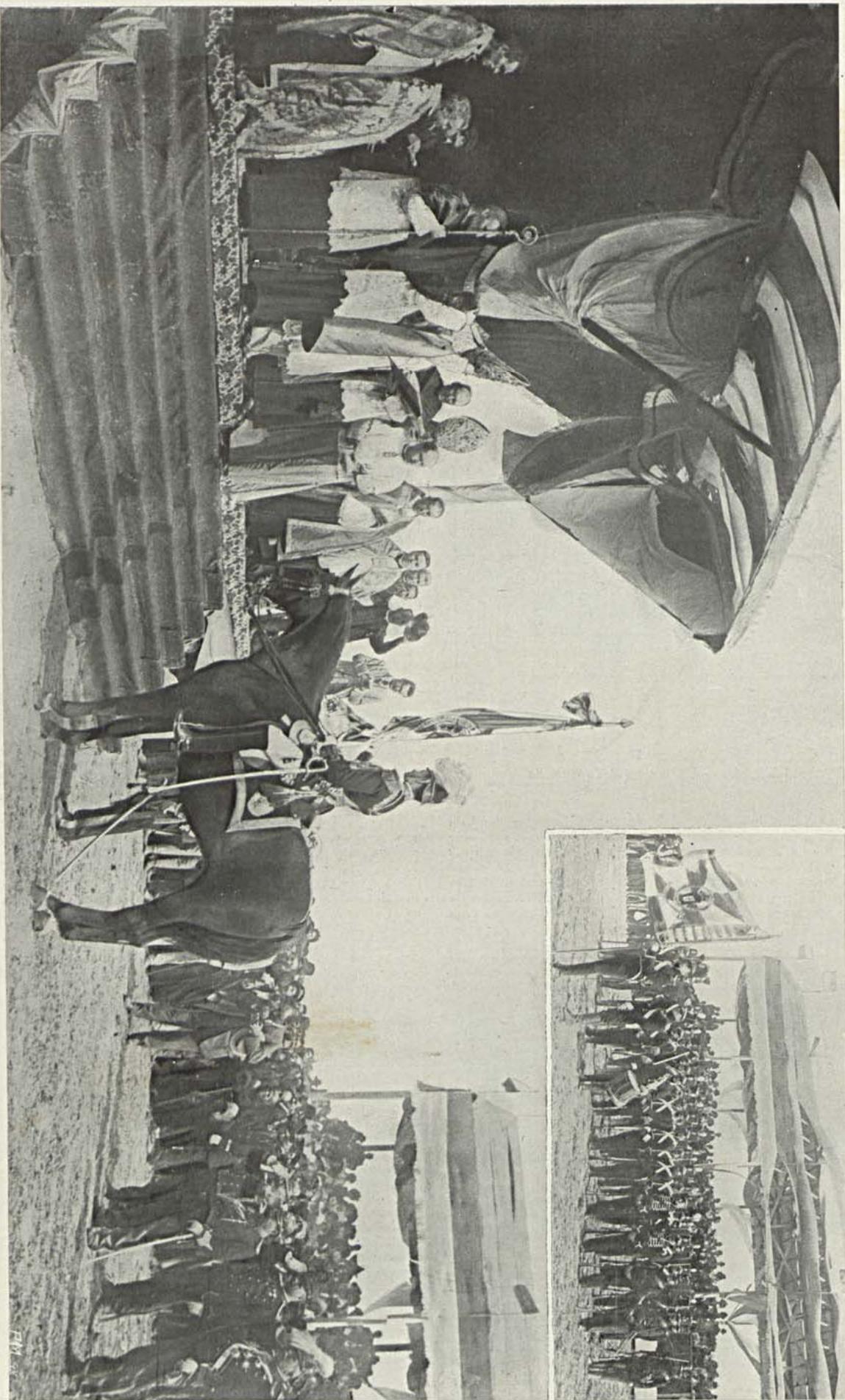
Por muito tempo, os velhos e as mulheres sentiram o despenhar do 19 de infantaria, de bayoneta calada, sobre a divisão do general Marchand. A terra tremia ainda agitada pelas cargas brilhantes de infantaria 8 e caçadores 3.

E ainda hoje, nos lares beirões, se rememoram, frequentemente, os feitos dos bisavós, contando-se desgraças e valentias, mi-



Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes da Leal Legião Lucitana
(Clichés de A. C. Lima).

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR



O pelotão histórico assistindo à missa campal — El-Rei empunhando a bandeira comemorativa do centenario, enquanto o reverendissimo Bispo-Conde procedia à cerimonia da benção

(Cidade de J. Benoitel).

serias e heroismos, n'uma benção de jubilo eterno, n'uma admiração de enternecido louvor.

Padre ALVARES DE ALMEIDA.

Noticia da batalha do Bussaco

27 de setembro de 1810

O exercito francez, que Napoleão puzera á disposiçào do insigne marechal Massena para invadir Portugal em 1810, tendo entrado pela fronteira de Almeida, e avançado pelo valle do Mondego em direcção a Vizeu e Coimbra, fez alto, nos dias 25 e 26 de setembro, no terreno entre Mortagua e a serra do Bussaco, onde lord Wellington, commandante em chefe do exercito anglo-luso, se dispuzera a dar-lhe batalha.

Compunha-se o exercito de Massena de tres corpos de exercito,

excepção da cavallaria britannica que estava para os lados da Mealhada e da cavallaria portugueza apoiada por uma brigada de infantaria que ficou na Murcella, achavam-se dispostas em linha de batalha sobre toda a cumeada do Bussaco, de maneira a poderem defender fortemente os pontos mais accessiveis.

Com effeito, na altura da Senhora do Monte Alto, dominando o caminho de Mortagua a Penacova junto á margem direita do Mondego, collocou-se meio batalhão da legião lusitana e duas peças de artilharia.

Seguia-se sobre a cumeada da serra, constituindo a extrema direita, a 2.ª divisão do general Hill, composta de 2 brigadas portuguezas do commando de Archibald Campbell (inf. 4 e 10), de Fonseca (inf. 2 e 14), e de 3 brigadas inglezas as ordens de Stewart, Wilson e Inglis, na força total de 10.000 bayonetas. Tinha duas baterias do nosso regimento de artilharia 1 ás ordens do general Dikson.

Para a sua esquerda, na cumeada cheia de rochedos, foram estabelecidas, formando a ala direita:

1.º Entre a portella da Oliveira e a de Santo Antonio do Cantaro, a 5.ª divisão do general Leith, composta da brigada Barne, que ficou junto áquella primeira portella, da legião lusitana e da brigada portugueza ás ordens de Spry (inf. 3 e 15) ao centro com intervallos, e do nosso regimento de infantaria 8 junto á outra portella mencionada.

2.º Parte da 3.ª divisão do general Picton, a cavalleiro sobre o caminho accessivel a viaturas na referida portella de Santo Antonio, comprehendendo os regimentos britannicos 45.º e 74.º, a nossa bri-



(Cliché de J. Benoitte).

Centenario da Guerra Peninsular

Caçadores n.º 3 de posse da bandeira de honra, no momento da continencia

commandados por generaes de grande pericia, e as suas tropas eram valentes, aguerridas e experimentadas nas campanhas do norte da Europa.

Entravam n'elle o 2.º corpo do commando de Reynier, o 6.º de Ney e o 8.º de Junot. Tinha mais uma divisão de cavallaria de reserva ás ordens de Montbrun. O seu effectivo total nas vespersas da batalha montava a cerca de 62.000 homens e 14.000 cavallos.

Massena, não obstante a grande força natural da posição dominante que tinha deante de si e apesar de ignorar o effectivo e o valor das tropas que a occupavam, decidiu-se a atacar de frente, para o que deu as suas ordens na tarde do dia 26, de maneira a penetrar em ambas as alas da posição. O general Reynier foi incumbido de tomar o caminho de Santo Antonio do Cantaro na ala direita, devendo quando chegasse á cumeada marchar ao longo d'ella para junto da matta do Bussaco. O marechal Ney foi encarregado de tomar a estrada de Coimbra na ala esquerda, devendo começar o ataque só quando Reynier fosse senhor das alturas e esperar quando chegasse proximo do convento os movimentos ultteriores do exercito. Junot ficaria em reserva atraz de Moura, assim como Montbrun com a sua cavallaria, que mal podia operar no accidentado terreno da serra.

Na manhã do mesmo dia 26 de setembro, em que a divisão Hill passou da posição que havia occupado junto á ponte da Murcella para a posição do Bussaco, todas as tropas anglo-portuguezas, á

gada (inf. 9 e 21) de Champalimaud, e duas baterias do regimento de artilharia 2, sob o commando do major Arentschild.

3.º A outra parte da divisão Picton sobre a portella proxima á encosta da principal altura da serra, constando do regimento 88.º inglez, a brigada Lightburne e a bateria britannica de Tompson.

A ala direita tinha assim 10.000 bayonetas ao todo, como a extrema direita, podendo socorrer-se mutuamente.

Ficava em seguida o centro da linha de batalha, sobre a cumeada do principal massiço da serra em que está a matta e o antigo convento.

Era constituído pela 1.ª divisão do general Spencer, composta pelas brigadas Stopford, Packenham e Blantyr, e a bateria allemã ás ordens de Rettberg tendo ainda o regimento 4.º de dragões ligeiro na sua retaguarda, unica cavallaria que ficou na serra. Havia apenas 5.000 bayonetas n'esta parte da linha onde o terreno era mais inaccessible pela frente.

A ala esquerda era constituída pela brigada portugueza de Pack (inf. 1, 16 e caç. 4) que se collocou na encosta adiante da porta de Sulla, e pela divisão ligeira de Craufurd, cujos regimentos 43.º e 52.º bem como o nosso batalhão de caçadores 1 e a artilharia ingleza de Ross, se estabeleceram sobre a volta da estrada a leste dos muros da matta, tendo por avançadas o batalhão de caçadores 3 e o regimento 95.º na ravina entre as aldeias de Moura e Sulla. O numero de bayonetas andaria ahí por 6.500.

A extrema esquerda occupava o contraforte do Ninho d'Agua, e era formada pela 4.ª divisão do general Cole, composta pelas brigadas de Alexandre Campbell e de Kemmis e pela nossa brigada (inf. 11 e 23) ás ordens de Collins: 7.000 bayonetes.

Ficaram em reserva geral sobre a estrada principal, por onde a subida era mais accessivel no terreno entre Monte Novo e a capella das Almas do Encarnadouro junto a matta, a brigada allemã de Lowe com a Bateria Cleaves e as brigadas portuguezas de A. Campbell (inf. 6, 18 e caç. 6) e de Coleman (inf. 7, 19, e caç. 2) com uma bateria do nosso regimento de artilharia 4 commandada pelo capitão Antonio de Sousa Passos. Andava esta reserva por 7.500 bayonetes.

Sommando os referidos numeros de bayonetes temos ao todo 46.000, a que se devem juntar os numeros de todos os officiaes do exercito e dos soldados das outras armas e serviços para termos o effectivo total do exercito assim disposto em linha de batalha, o qual era de 52.000 homens. Na artilharia contavam-se ao todo 60 bocas de fogo, metade das quaes eram portuguezas.

Vejamos agora como se travou a lucta.

Das 4 para ás 5 horas da manhã do memoravel dia 27 de setembro de 1810, ainda mal rompia a aurora e já as tropas defensivas, segundo a pratica consagrada por Wellington, se achavam em armas sobre a linha de batalha.

Porém, em consequencia d'uma espessa nevoa que de noite se tinha levantado por todos os valles da serra, não conseguiram avistar os movimentos que os francezes pelo mesmo tempo começaram a fazer, como preparação dos seus ataques.

Na conformidade da ordem de Massena, o general Reynier, tomando por objectivo dos ataques do segundo corpo a portella de Santo Antonio do Cantaro, que estava em frente de si, determinou que cada uma das suas divisões subisse a montanha pelas encostas e ao longo do caminho que ia dar a esse ponto, ambas precedidas por atiradores; em reserva ficaria só um regimento de infantaria e a manobrar no terreno accidentado dem de tomar posição a meia encosta adiante da aldeia de Santo Antonio, para preparar o ataque da infantaria como pudesse e avançar depois para a crista da montanha.

A divisão Merle, depois de ter formado os seus tres regimentos em columnas de batalhões e cada um d'estes em columnas cerradas de companhias, começou a mover-se das 6 para ás 7 horas da manhã, obliquando para a direita do caminho, e foi trepando com muito custo pela ingreme encosta da serra em escalão de columnas; ia na direita o regimento 36.º, ao centro o 2.º ligeiro e á esquerda o 4.º ligeiro. Ao todo onze batalhões na força de 6.500 homens.

A divisão Heudelet avançou quasi ao mesmo tempo pelo caminho com o 31.º ligeiro na frente, apoiado pela brigada Foy (17.º ligeiro e o 70.º de linha), e deixou o regimento 47.º em reserva na aldeia. Total quinze batalhões (incluindo a reserva) com o effectivo de 8.000 homens.



Centenario da Guerra Peninsular

No momento da inauguração da coroa commemorativa que foi deposta no monumento ao exercito luso-britannico



Centenario da Guerra Peninsular

A coroa commemorativa que foi deposta no monumento do Bussaco

cavallaria (Sault) que não podia da serra; a artilharia recebeu or-

te, e fossem resvalando pela vertente abaixo, até ás faldas da montanha. N'esta retirada os francezes foram protegidos pela sua artilharia fazendo fogo sobre as tropas da defeza que os perseguiam, voltando então estas para as suas primitivas posições na cumeada.

Enquanto a divisão Merle vinha assim retirando, Reynier faz avançar ao ataque a brigada de Foy, que logo começou a galgar a encosta, na mesma ordem compacta das outras columnas de ataque, vindo o 17.º ligeiro na direita, e o 70.º de linha em escalão na sua esquerda, no effectivo approximado de 3.700 homens.

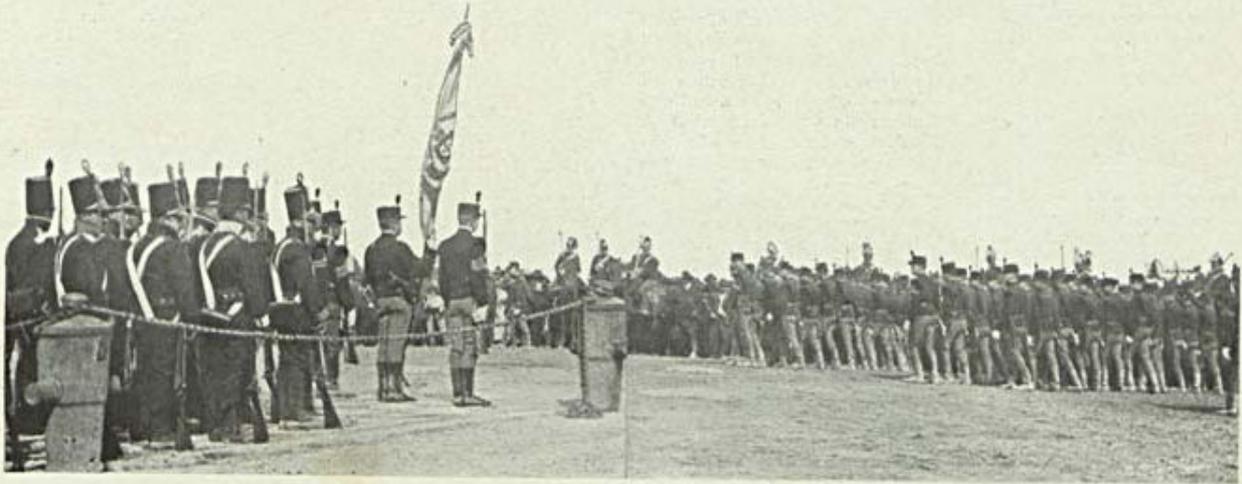
O objectivo escolhido para este ataque foi o ponto mais baixo da cumeada rochosa, proximo á portella de Santo Antonio, sobre a qual cumeada se achavam o 8.º portuguez e o meio batalhão do 45.º inglez, que tinham retirado depois da perseguição a Merle, e que Picton mandou reforçar por um batalhão do 9º portuguez e pelo batalhão de milicias de Thomar, montando tudo a cerca de 2.300 homens.

O ataque de Foy chegou a ser perigoso: não obstante a esca-



Centenario da Guerra Peninsular

Junto ao monumento do Bussaco — El-Rei, lord Wellington, neto do glorioso general em chefe do exercito luso-britannico, e o sr. general Rodrigues da Costa, presidente da commissão executiva do centenario
(Cliché de J. Benolle).



Centenario da Guerra Peninsular. — Os contingentes dos diversos corpos desfilarão em continência ao monumento que no Bussaco commemora as victorias do exercito luso-britannico

lada da encosta ter sido feita debaixo d'um continuado fogo dos referidos batalhões inglezes e portuguezes, as columnas atacantes chegaram á orla da cumeada, abrigaram-se nos rochedos e repelleram aquellas forças da defeza para a vertente occidental da serra.

Felizmente graças á providencia de Wellington, a divisão Leith tinha recebido ordem para unir á direita da divisão Picton, se não visse tropas inimigas na sua frente para os lados da portella da Oliveira. Como Reynier não tivesse de facto mandado para ali tropa alguma, Leith deslocou a sua divisão em direcção á portella de Santo Antonio, onde chegou ao tempo em que o ataque de Foy repellia as nossas tropas. Tratou logo de o atacar de flanco com o batalhão do 9.º inglez, o qual se portou muito bem, dando boas descargas á queima-roupa, respondendo-lhe com custo o inimigo, que parecia inteiramente desconcertado pelo apparecimento d'esta nova força. Quando o 9.º chegou a cerca de vinte metros do adversario, calou bayonetas e preparou-se para a carga, mas n'esse momento estabeleceu-se a desordem nos batalhões francezes, sem que Foy pudesse remedial-a, e correram rapidamente pela encosta abaixo, repetindo-se o revez já experimentado pela divisão Merle.

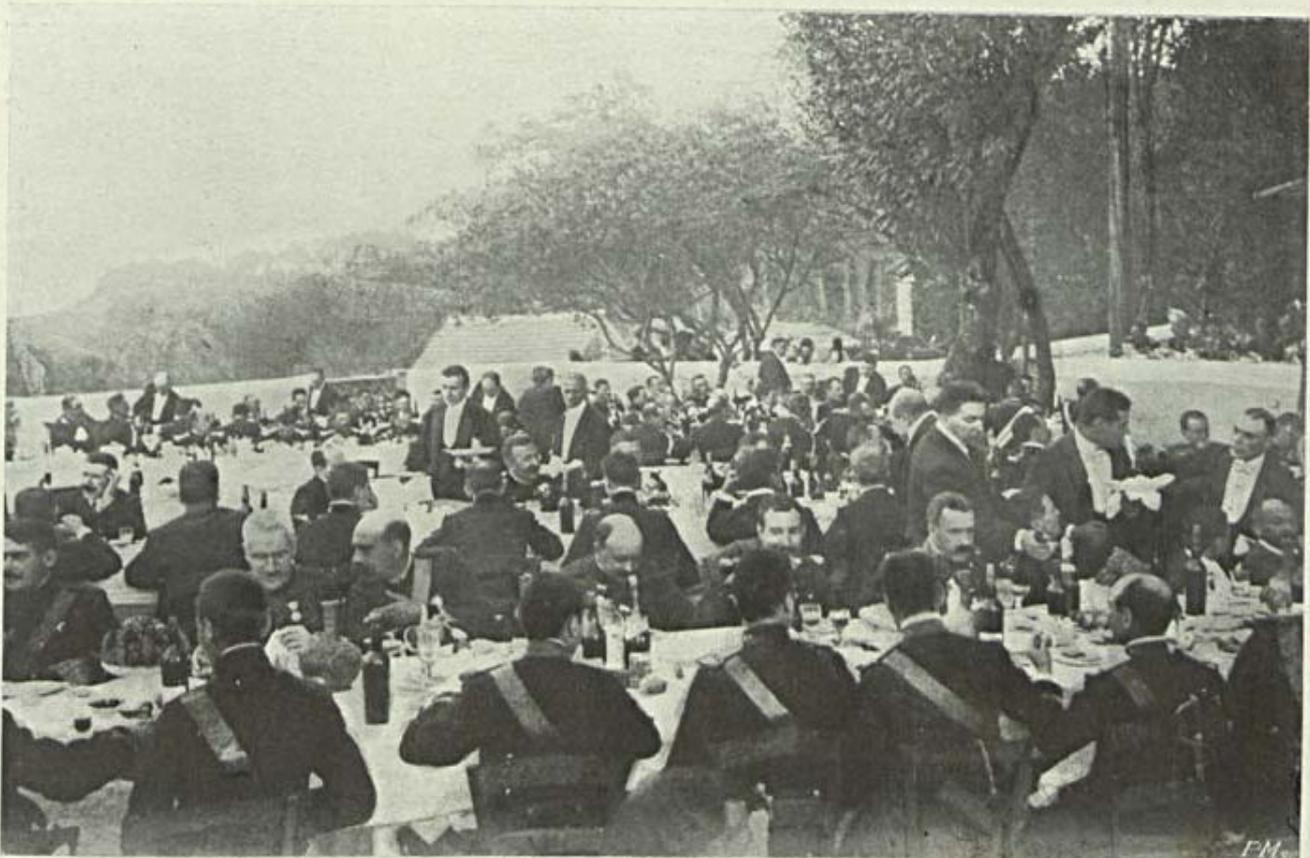
Ficou assim terminado este combate junto a Santo Antonio de Cantaro, em que foram empenhados com uma grande bravura e au-

dacia 22 batalhões do 2.º corpo francez. Mas viram-se impotentes contra a firmeza e valor dos 11 batalhões inglezes e portuguezes, que os receberam condignamente na forte posição que occupavam, infligindo-lhes uma perda consideravel de 2:023 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, nos quaes se include uma grande percentagem dos officiaes. As perdas dos defensores andaram por 587 homens ou seja a quarta parte d'aquelles.

Emquanto o general Reynier ficava assim derrotado n'este combate sobre a portella de Santo Antonio, o marechal Ney teve identica sorte no combate em que se empenhou para os lados de Sulla, que foi inteiramente independente d'aquelle.

Cumprindo á risca a ordem de Massena na parte que lhe dizia respeito, deixou uma das suas tres divisões em reserva (a de Mermel) á retaguarda de Moura, e mandou avançar as outras duas á direita e á esquerda da estrada que vae d'essa aldeia para o Convento do Bussaco. O movimento d'estas divisões foi iniciado sómente quando Ney, depois de dissipada a nebrina, avistou do alto de Moura as columnas da divisão Merle no cimo da encosta para os lados de Santo Antonio, isto é, pouco mais ou menos pelas oito horas da manhã.

A divisão de Loison, composta de 6 batalhões da brigada Simon



(Clichés de J. Benolle).

Centenario da Guerra Peninsular. — O banquete militar no Bussaco

(3:300 homens) e de outros 6 da brigada Ferey (3:400 homens), é que foi encarregada de trepar á direita da estrada pela encosta, coberta de pinhaes, onde está a aldeia de Sullá, de onde chegou a repellar os nossos atiradores. Mas d'ahi por deante a encosta é mais aspera e descoberta, de sorte que só com um grande esforço e muita perda de gente, que durante essa subida esteve sempre exposta ao fogo da artilharia e do batalhão de caçadores numero 1 enviado em apoio dos nossos atiradores, é que as columnas de Loison conseguiram chegar proximo da artilharia postada sobre a estrada.

Aproveitando esse momento, Craufurd, que tinha estado junto ao moinho de Sullá a observar as phases do combate, faz desenvolver em linha os regimentos 43.º e 52.º, que deram descargas a dez passos sobre as testas das columnas francezas, ocasionando-lhes um grande numero de baixas e ficando ferido o proprio general Simon, e depois prisioneiro. Em seguida algumas companhias de cada um d'esses regimentos rodam sobre os flancos dos francezes, mettendo-os d'esse modo dentro de um circulo de fogo, a que não puderam resistir, e começaram a resvalar pela encosta em desordem. A divisão ligeira carregou então com todas as suas forças sobre elles até Sullá, e para além d'esta aldeia, não parando enquanto os homens de Loison não conseguiram abrigar-se nos pinhaes, auxiliados pela artilharia de Ney, que começou a atirar sobre os seus perseguidores.

Houve, porém, um batalhão de brigada Ferey — o 32.º ligeiro — que, tendo subido á esquerda da ravina separadamente das outras columnas, conseguiu chegar perto da bateria de Cleeves: mas logo sahio ao seu encontro o 1.º batalhão do regimento de infantaria numero 19 da brigada Coleman que o fez recuar para a encosta por onde desceu até ir juntar-se á sua divisão, a qual ficou assim inteiramente fóra de combate.

A divisão Marchand, enviada por Ney ao ataque da posição pela esquerda da estrada, partiu um pouco depois da sahida de Loison, atravessando a povoação de Moura. Os cinco batalhões da brigada de Maucune (3:000 homens) avançaram debaixo de um terrivel fogo das tres baterias de artilharia ás ordens de Lawson, de Passos e de Cleeves, que se estabeleceram á direita de Craufurd, em vista do que os francezes procuraram abrigar-se no pinhal proximo da crista da serra, á esquerda da estrada.

Mas o brigadeiro Pack tinha para ahí mandado o nosso batalhão de caçadores 4, que dirigiu sobre elles um mortifero fogo, até ser obrigado a recuar para a cumeada. Indo aquella brigada em seu seguimento, teve de sustentar um desesperado duello de fuzilaria com os 4 batalhões de infantaria 1 e 16 da mesma brigada Pack (2:000 homens), que occuparam o terreno em frente d'ella. Tiveram por fim de desistir, recuando para o pinhal, e o seu brigadeiro Maucune ficou ferido.

A outra brigada da mesma divisão, isto é, a de Marcognet, avançou em seguimento d'aquella, também á esquerda da estrada, mas fez alto, quando chegou ao alcance das referidas baterias de artilharia, ás quaes ainda se foi juntar a de Ross, quando cessou de atirar sobre a divisão Loison.

Por fim, Ney, vendo que este tinha sido derrotado, que Marchand não conseguira abrir caminho, e que o 2.º corpo Reynier fóra mal succedido na sua empreza, não chegando a ser senhor das alturas como queria Massena, fez recuar todas as suas tropas para junto de Moura, ficando d'esta maneira igualmente malgrado o seu objectivo de tomar o alto proximo da matta do Bussaco.



Centenario da Guerra Peninsular

A commemoração da batalha do Bussaco em Cascaes — Aspecto do cortejo civico-militar, levando á frente a banda da guarda-municipal

do mesmo dia. N'essas pequenas accções é que tomaram parte os nossos batalhões de caçadores 2 e 6 das brigadas de reserva, além dos outros.

A perda total dos francezes n'este dia foi de 4:500 homens, sendo a proporção dos officiaes para os soldados de 1 para 16, quando a média em geral regula de 1 para 22. No exercito luso-britannico a perda total foi de 1:252 homens, dando-se a coincidência singular de serem metade (626) inglezes e metade portuguezes.

Durante a batalha comportaram-se os nossos soldados com grande heroismo. Apesar de quasi todos serem recrutas, mostraram-se possuidos de notavel valor, firmeza e disciplina, rivalizando com as tropas inglezas, segundo o testemunho insuspeito do proprio Wellington e do marechal Beresford, que em suas participações officiaes exaltam o seu comportamento e lhes tributam subidos elogios.

No dia immediato ao da batalha houve ainda fogo entre os atiradores de parte a parte, principalmente de tarde, para até certo ponto mascarar o movimento torneante, que foi ordenado por Massena na direcção de Boialvo para ir tomar a estrada do Porto a Coimbra. Não conseguiu, porém, surpreender Wellington, que no dia 28 tivera conhecimento de que o desfiladeiro de Boialvo não fóra occupado como havia ordenado, por circunstancias alheias á sua vontade, e, pela meia noite de 28 para 29 operou uma prompta retirada para as formidaveis linhas de Torres Vedras, que mandara levantar e que foram uma barreira invencivel, deante da qual o inimigo estacou attonito, vendo impotentes os meios de que dispunha para se abalancar a ataca-las.

Passados seis mezes de inacção, a esperar socorros que não vieram, resolveu-se finalmente a retirar para a fronteira de onde partira ao entrar no nosso territorio, ficando assim Portugal livre pela terceira e ultima vez das invasões francezas, embora continuasse bem accessa a guerra até 1814, em que teve logar a paz geral.



Centenario da Guerra Peninsular

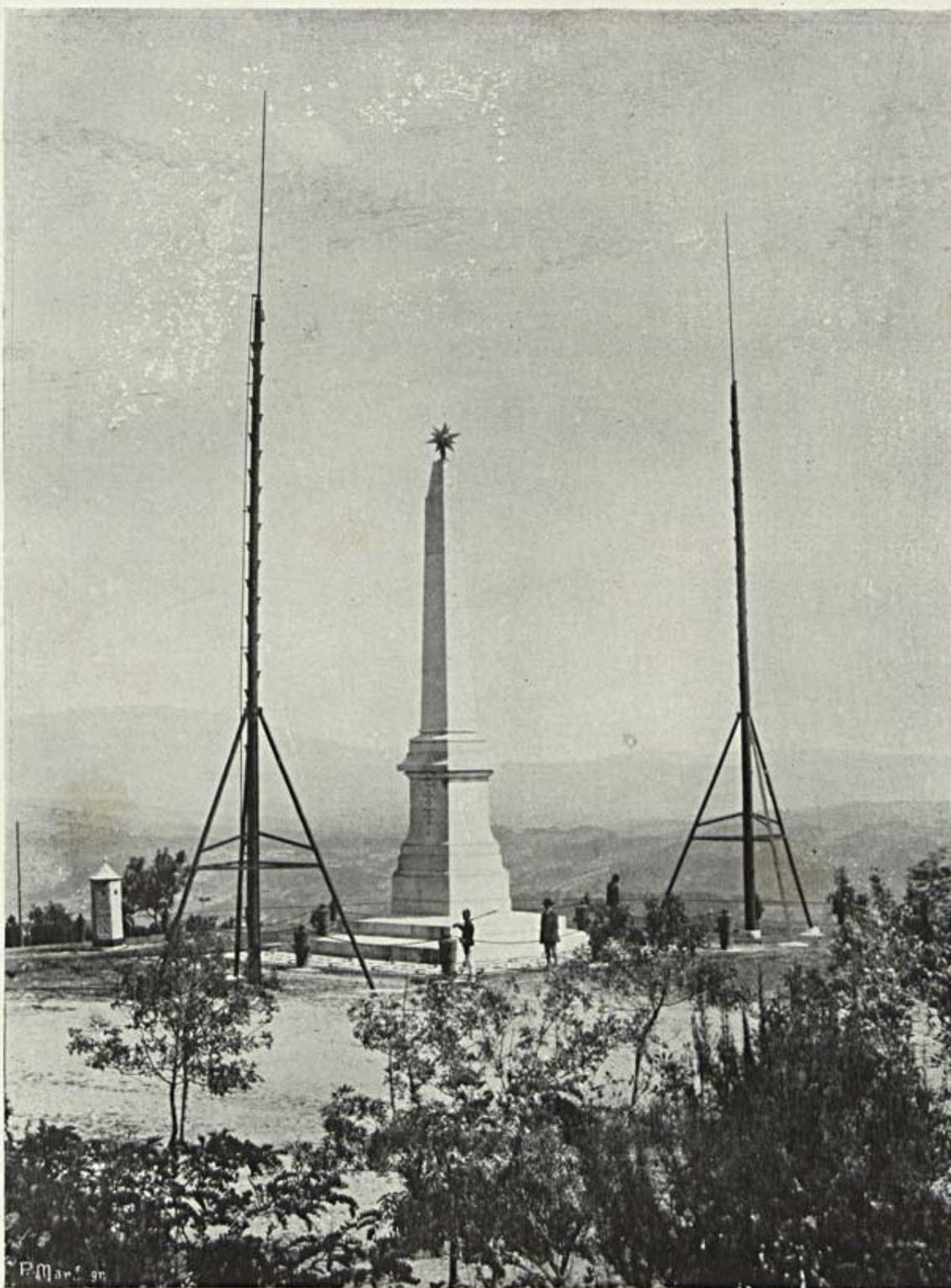
Imagem de Santo Antonio que acompanhou sempre durante toda a campanha o regimento de infantaria n.º 19, de Cascaes, e pela qual os soldados professavam a mais entranhada devoção



Centenario da Guerra Peninsular

A commemoração da batalha do Bussaco em Cascaes — O major Escrivanis, governador da cidadella, empunhando a bandeira do antigo regimento d'infantaria n.º 19, de Cascaes, que tanto se distinguuiu durante a guerra peninsular

(Cliché de A. C. Lima).



Centenário da Guerra Peninsular
No BUSSACO. — Monumento ao exercito luso-britannico

A Liga nacional polaca, e internacional dos amigos da Polonia

Em fevereiro de 1908 esta Revista publicou um artigo sob o título =A solução do problema polaco= no qual se apresentava o ideal da Liga, que consiste n'uma confederação da Polonia, sob a protecção das tres potencias que a partilharam em 17 de setembro de 1772, sendo d'aquella forma resolvido o problema polaco, sem prejuizo das tres potencias protectoras, e no espirito de justiça a que tem direito um povo notavel pela sua illustração e patriotismo, e cessando a oppressão e a escravidão de que elle tem sido injustamente

victima, e que representa um *verdadeiro crime, perante a Humanidade.*

Aquelle artigo mereceu a sympathia da Liga, tanto que foi transcripto n'um opusculo que o seu illustre presidente, o principe polaco Pawel Ibwca-Reidelski, dirigiu ás diversas chancellarias, appellando para os sentimentos de justiça dos tres imperadores, e de solidariedade dos povos da Europa e dos Estados-Unidos da America.

E ainda recentemente o signatario do artigo recebeu de Stanislaw, Galicia austriaca, uma interessante carta de agradecimento da Delegação dos antigos combatentes da insurreição de 1863.

Os trabalhos da sympathica Liga para a conquista do seu ideal tem progredido, tendo em 15 de julho ultimo sido resolvida a fundação de um jornal, em defesa das suas legitimas aspirações, jornal, cujo primeiro numero acaba de ser publicado com o titulo de =Głos Ploski, ou a Voz da Polonia, jornal escripto em polaco, francez e inglez, e que é impresso em Liverpool.



Centenario da Guerra Peninsular
No BUSSACO. — *Oliveira plantada pelo duque de Wellington*

MERINA

Rosto comprido, airosa, angelical, macia,
Por vezes, a allemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gaz dá noites de ballada;

Sob os abafos bons que o norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegancia, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingenua e delicada.

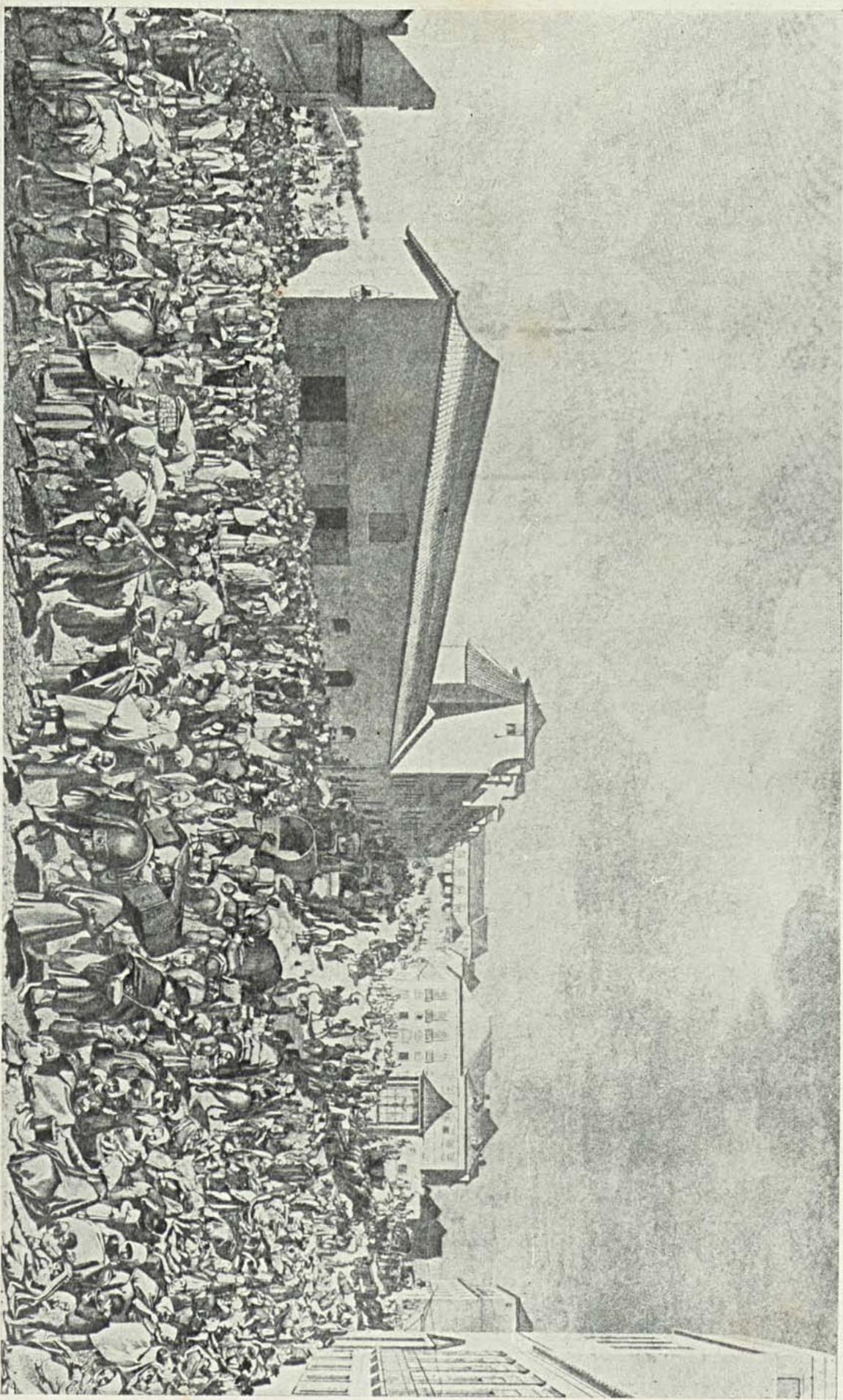
Cesario Verde.

ORIGEM DO AMOR

Que o amor é filho de Venus
Ensina a mythologia;
Mas historias! Não é tal.
Sobre a questão ouvi sabios,
Consultei bons alfarrabios,
E conheci afinal
Que a mãe d'elle, a verdadeira,
Aqui baixinho... E' a asneira.

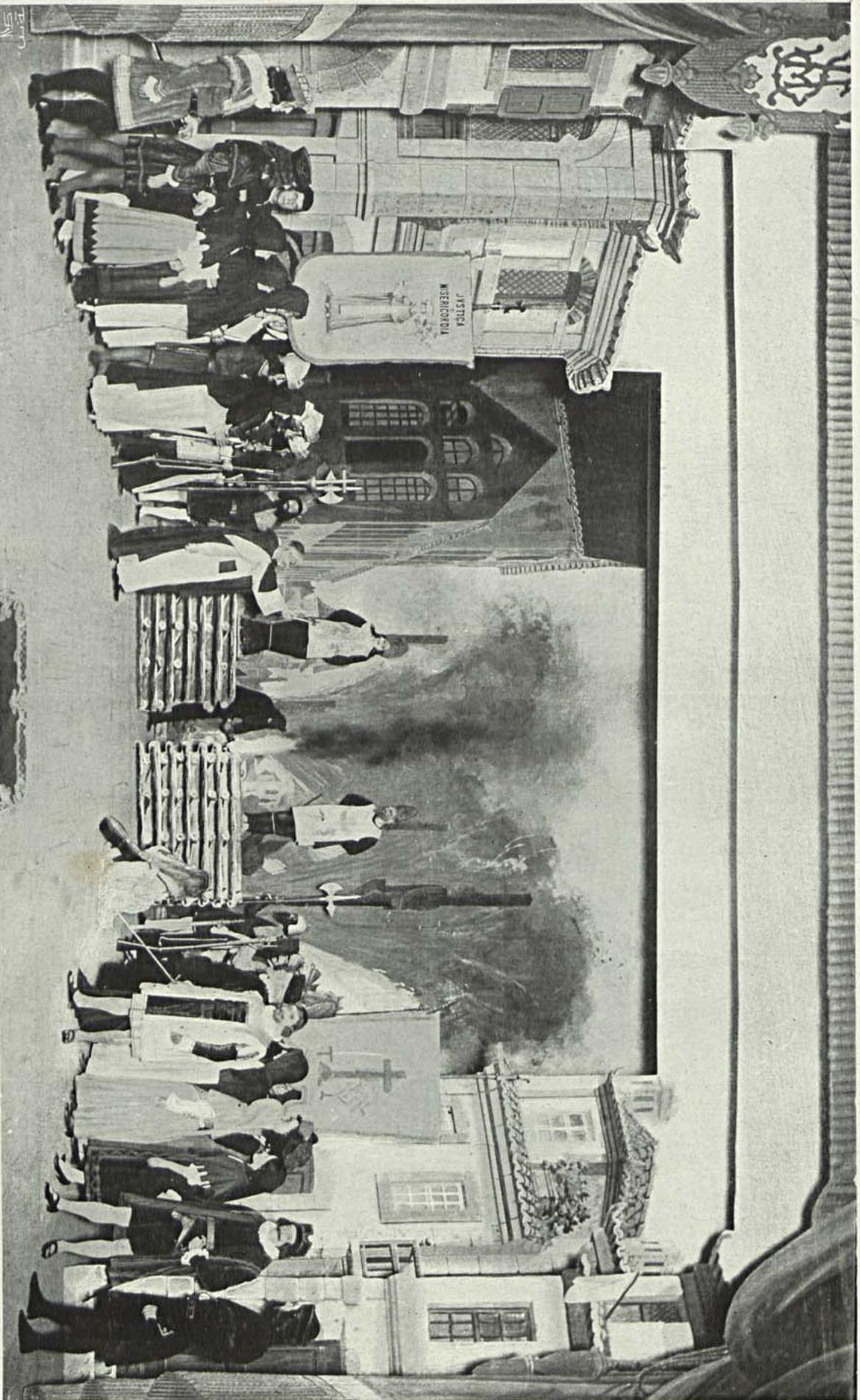
Conde de Mesquita.

Centenario da Guerra Peninsular



Distribuição do alimento que se repartia no Cruzeiro de Arroyos aos emigrados que deixaram as suas terras assoladas pelo exercito francez na invasão de Outubro de 1810
(Quadro de Domingos Antonio de Sequeira, Insitiano).

THEATROS.—Trindade—O rei maldito



(Crédit) de A. C. Lima.

Scena final do ultimo acto